

JOHN BOYNE

O
menino
no alto da
montanha

Tradução

HENRIQUE DE BREIA E SZOLNOKY

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2015 by John Boyne

Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Boy at the Top of the Mountain

Capa

© Random House Children's Publishers UK

Fotos de capa

iStockphoto

Ilustração de miolo

© Liane Payne

Preparação

Sabrina Coutinho

Revisão

Isabel Jorge Cury

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Boyne, John

O menino no alto da montanha / John Boyne ; tradução
Henrique de Breia e Szolnoky. — 1ª ed. — São Paulo :
Seguinte, 2016.

Título original: The Boy at the Top of the Mountain.
ISBN 978-85-5534-012-3

1. Ficção irlandesa I. Título.

16-04450

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

facebook.com/editoraseguinte

twitter.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

PARTE 1
1936

1
TRÊS MANCHAS VERMELHAS
EM UM LENÇO

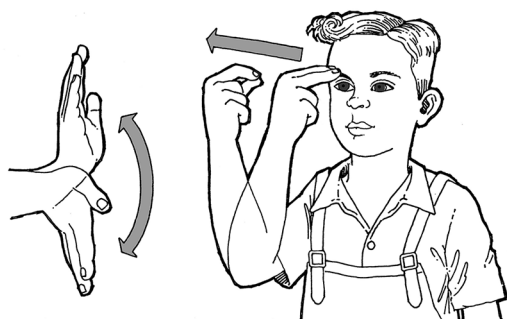
O pai de Pierrot Fischer não morreu na Grande Guerra, mas sua mãe, Émilie, costumava dizer que a guerra o matara.

Pierrot não era a única criança de sete anos em Paris que vivia com apenas um dos pais. O menino que se sentava à sua frente na escola não via a mãe fazia quatro anos, desde que ela fugira com o vendedor de enciclopédias. O valentão da classe, que chamava Pierrot de “Le Petit” porque ele era baixinho, dormia num quarto no segundo andar da tabacaria dos avós, na Avenue de la Motte-Picquet, onde passava a maior parte do tempo jogando balões de água pela janela, acertando a cabeça dos pedestres lá embaixo e depois insistindo que não tinha feito nada.

Ali perto, na Avenue Charles-Floquet, num apartamento térreo no prédio onde Pierrot morava, seu melhor amigo, Anshel Bronstein, vivia apenas com a mãe, Madame Bronstein; seu pai se afogara dois anos antes, em uma travessia malsucedida do Canal da Mancha.

Nascidos com apenas semanas de diferença, Pierrot e Anshel cresceram quase como irmãos — uma mãe cuidava dos dois bebês quando a outra precisava de uma soneca.

Mas eles não eram irmãos típicos, pois nunca brigavam. Anshel nascera surdo; logo cedo os meninos criaram uma linguagem de sinais e passaram a se comunicar facilmente, expressando com dedos habilidosos tudo o que precisavam dizer. Inventaram até símbolos especiais para usar no lugar dos nomes. Anshel atribuiu a Pierrot o sinal do cachorro, porque considerava seu amigo gentil e fiel; Pierrot adotou o sinal da raposa para Anshel, que era o mais inteligente da classe. Era assim que faziam esses nomes:



Eles passavam a maior parte do tempo juntos, jogando futebol no Campo de Marte e lendo os mesmos livros. Eram amigos tão próximos que Pierrot era a única pessoa a quem Anshel permitia ler as histórias que escrevia de noite no quarto. Nem mesmo Madame Bronstein sabia que seu filho queria ser escritor.

Essa ficou boa, sinalizava Pierrot, seus dedos dançando no ar depois de devolver uma pilha de folhas. Gostei da parte do cavalo e também de quando encontram o ouro escondido no caixão. Não gostei tanto dessa, ele continuava, entregando um segundo monte. Mas pode ser porque sua letra está tão feia que não consegui ler algumas partes... E essa aqui, ele acrescentava, sacudindo uma terceira pilha no ar como

se estivesse em um desfile, *não faz nenhum sentido. Eu jogaria fora, se fosse você.*

É experimental, sinalizava Anshel, que não se abalava com críticas, mas às vezes ficava na defensiva quando o amigo não gostava tanto das histórias.

Não, sinalizava Pierrot, sacudindo a cabeça. *Não faz sentido nenhum. É melhor não deixar ninguém ler. Vão achar que você tem um parafuso a menos.*

Pierrot gostava da ideia de escrever histórias, mas não conseguia ficar parado por tempo suficiente para colocar as palavras no papel. Em vez disso, sentava-se em frente ao amigo e fazia sinais, inventando histórias ou descrevendo proezas que realizara na escola. Anshel observava com atenção e depois transcrevia tudo.

Então fui eu que escrevi isso?, Pierrot perguntava, quando enfim recebia as páginas para ler.

Não, fui eu, respondia Anshel, sacudindo a cabeça. *Mas a história é sua.*

Émilie, mãe de Pierrot, quase não falava sobre o marido, apesar de o menino pensar no pai constantemente. Wilhelm Fischer tinha ido embora de Paris três anos antes, no verão de 1933, alguns meses após o aniversário de quatro anos do filho. Pierrot se lembrava dele como um homem alto, que imitava sons de cavalo enquanto o carregava nos ombros largos pelas ruas, às vezes galopando e fazendo o menino gritar de alegria. Ele ensinara alemão ao filho, para que nunca se esquecesse de sua origem, e fez o melhor que pôde para ajudá-lo a aprender músicas simples no piano, apesar de Pierrot ter certeza de que nunca seria tão bom quanto o pai. Papa tocava canções tradicionais que falavam sobre memória e arrependimento e podiam levar os convi-

dados às lágrimas, ainda mais quando cantava junto, com sua voz suave e potente.

Pierrot compensava sua falta de talento musical com uma grande facilidade com línguas. Ele conseguia saltar sem nenhum problema do alemão que falava com o pai para o francês que usava com a mãe. Em ocasiões especiais, como jantares, adorava cantar a *Marselhesa* em alemão e, em seguida, *Das Deutschlandlied* em francês, o que, às vezes, deixava os convidados desconfortáveis.

— Não quero mais que você faça isso, Pierrot — disse Maman certa vez, depois que sua apresentação provocou um breve desentendimento com os vizinhos. — Aprenda outra coisa, se quiser se exhibir. Malabarismo, truques de mágica, plantar bananeira. Só não cante em alemão.

— O que tem de errado com alemão? — perguntou Pierrot.

— Boa pergunta — disse Papa, sentado na poltrona do canto, onde passara boa parte da noite bebendo mais vinho do que devia, algo que sempre o fazia remoer as más recordações que o assombravam. — O que tem de errado com o alemão, Émilie?

— Já basta disso, Wilhelm — ela disse, com as mãos firmes nos quadris.

— Do quê? Dos seus amigos insultando meu país?

— Eles não estavam insultando seu país — ela disse. — Só têm dificuldade de esquecer a guerra. Ainda mais aqueles que perderam parentes e amigos nas trincheiras.

— Mas não se incomodam de vir à minha casa, comer minha comida e beber meu vinho.

Papa esperou que Maman voltasse à cozinha antes de chamar Pierrot para junto dele.

— Um dia, vamos recuperar o que é nosso — Papa disse, olhando bem nos olhos do menino. — E, quando esse dia chegar, lembre-se de que lado você está. Por mais que tenha nascido na França e more em Paris, você é um alemão da cabeça aos pés, assim como eu. Não se esqueça disso, Pierrot.

De vez em quando, Papa acordava no meio da noite, seus gritos ecoando pelos corredores escuros e vazios do apartamento. O cachorro de Pierrot, D'Artagnan, se assustava, saltando do cesto onde dormia para subir na cama e se enfiar, trêmulo, debaixo do lençol, ao lado do dono. O menino puxava as cobertas até o queixo e ouvia, através da parede fina, Maman tentando acalmar Papa. Ela sussurrava que estava tudo bem, que ele estava em casa com a família, que era só um pesadelo.

— Mas não é um pesadelo — Pierrot ouviu o pai dizer certa vez, com a voz embargada pelo nervosismo. — É pior. É uma lembrança.

Às vezes, o menino acordava para ir ao banheiro e encontrava o pai sentado à mesa da cozinha murmurando consigo mesmo, a cabeça apoiada na superfície de madeira, uma garrafa vazia caída ao lado. Sempre que isso acontecia, Pierrot descia descalço até o pátio do prédio para jogar a garrafa na lixeira — assim, sua mãe não a encontraria na manhã seguinte. E, quase sempre, quando ele voltava ao apartamento Papa já tinha se levantado e, de alguma maneira, voltado para a cama.

Os dois nunca falavam sobre nada daquilo no dia seguinte.

Porém, quando levava a garrafa certa noite, Pierrot es-

corregou na escadaria molhada e caiu — não com força o bastante para se machucar, mas o suficiente para quebrar a garrafa em sua mão. Conforme se levantou, um caco de vidro entrou na sola do pé esquerdo. Fazendo careta, ele conseguiu arrancá-lo, mas então o sangue começou a escorrer rápido pela ferida aberta. Ele mancou de volta para casa pensando em fazer um curativo, então Papa acordou e viu o que tinha causado. Depois de cuidar da ferida, ele se sentou com o filho e pediu desculpas por beber tanto. Enxugando as lágrimas, disse a Pierrot que o amava e prometeu que nunca mais faria nada que pudesse colocá-lo em perigo.

— Eu também te amo, Papa — disse Pierrot. — Mas amo mais quando está me carregando nos ombros. Não gosto quando senta na poltrona e não fala comigo e com Maman.

— Também não gosto — disse Papa, baixinho. — Mas, às vezes, é como se uma nuvem escura me cobrisse, e não consigo fazê-la ir embora. É por isso que bebo. Ajuda a esquecer.

— A esquecer o quê?

— A guerra. As coisas que vi. — Ele fechou os olhos e sussurrou. — As coisas que fiz.

Pierrot engoliu em seco, quase com medo de perguntar.

— O que você fez?

Papa deu um sorriso triste.

— O que quer que eu tenha feito, fiz pelo meu país — ele respondeu. — Você entende isso, não?

— Sim, Papa — disse Pierrot, sem saber direito o que aquilo queria dizer, mas achando o pai valente mesmo assim. — Queria ser um soldado, para deixar você orgulhoso.

Papa olhou para o filho e colocou a mão em seu ombro.

— Só não se esqueça de escolher o lado certo — ele disse.

Depois disso, Papa ficou várias semanas sem beber. Então, da mesma maneira abrupta como tinha passado, a nuvem escura voltou, e tudo recomeçou.

Papa trabalhava como garçom em um restaurante da vizinhança. Saía por volta das dez da manhã todos os dias e voltava às três da tarde, para então sair de novo às seis, a fim de servir o jantar. Certa vez, chegou em casa de mau humor e disse que um certo Papa Joffre estivera no restaurante para o almoço. Papa se recusara a servi-lo até que seu patrão, Monsieur Abrahams, disse que, se não o fizesse, podia ir para casa e nunca mais retornar.

— Quem é Papa Joffre? — perguntou Pierrot, pois nunca tinha ouvido o nome antes.

— Foi um grande general durante a guerra — disse Maman, tirando uma pilha de roupas de um cesto e colocando perto da tábua de passar. — É um herói.

— Para *vocês* — disse Papa.

— Lembre-se de que casou com uma francesa — respondeu Maman brava, virando-se para ele.

— Porque eu te amo — disse Papa. — Pierrot, já contei da primeira vez que vi sua mãe? Foi dois anos depois do fim da guerra. Eu ia encontrar minha irmã, Beatrix, no horário de almoço. Quando cheguei à loja onde trabalhava, ela estava conversando com uma das novas assistentes, uma moça tímida que tinha começado aquela semana. Bastou olhar para ela e eu soube que íamos nos casar.

Pierrot sorriu. Ele adorava quando seu pai contava histórias como aquela.

— Abri a boca para falar, mas não consegui encontrar palavras. Foi como se meu cérebro tivesse caído no sono. Fiquei ali parado, olhando, sem dizer nada.

— Achei que tinha alguma coisa errada com ele — disse Maman, sorrindo com a lembrança.

— Beatrix precisou me sacudir pelos ombros — continuou Papa, rindo da própria tolice.

— Se não fosse por sua irmã, eu jamais teria concordado em sair com você — acrescentou Maman. — Ela insistiu que eu desse uma chance a você, dizendo que não era tão desmiolado quanto parecia.

— Por que nunca vemos a tia Beatrix? — perguntou Pierrot, que ouvira aquele nome algumas vezes ao longo dos anos, mas nunca a conhecera. Ela nunca visitava nem mandava cartas.

— Porque não — disse Papa, o sorriso abandonando seu rosto.

— Mas por quê?

— Esqueça isso, Pierrot — ele disse.

— Sim, esqueça isso, Pierrot — repetiu Maman, sua expressão também se fechando. — Porque é o que fazemos nesta casa. Afastamos as pessoas que amamos, não conversamos sobre coisas importantes e não deixamos ninguém nos ajudar.

E assim, num piscar de olhos, era o fim daquela conversa alegre.

— Ele come feito um porco — disse Papa alguns minutos depois, agachando-se, olhando Pierrot nos olhos e fazendo garras com os dedos. — Papa Joffre, quero dizer. Parece um rato roendo uma espiga de milho.

Toda semana, Papa reclamava do salário baixo, de como Monsieur e Madame Abrahams o menosprezavam, de como os parisienses davam cada vez menos gorjetas.

— É por isso que nunca temos dinheiro — ele grunhia. — São uns avarentos. Especialmente os judeus. Eles vão ao restaurante o tempo todo, porque dizem que Madame Abrahams faz os melhores *gefilte fish* e *latkes* de toda a Europa Ocidental.

— Anshel é judeu — disse Pierrot, baixinho. Ele sempre via o amigo indo à sinagoga com a mãe.

— Anshel é um dos bons — murmurou Papa. — Dizem que todo barril de maçãs boas tem uma podre. E vice-versa...

— Nunca temos dinheiro porque você gasta quase tudo em vinho — interrompeu Maman. — E não devia falar desse jeito sobre os vizinhos. Lembre como...

— Você acha que eu comprei isso? — ele perguntou, pegando uma garrafa e girando-a para mostrar o rótulo; era o vinho que o restaurante servia. — Às vezes sua mãe é muito ingênua — ele acrescentou, em alemão, para Pierrot.

Apesar de tudo, o menino adorava ficar com o pai. Uma vez por mês, Papa o levava ao Jardim das Tulherias, onde listava os nomes das inúmeras árvores e plantas, explicando como mudavam conforme as estações. Os pais dele tinham sido horticultores, disse Papa, e amavam tudo relacionado à terra.

— Mas perderam tudo, claro — ele acrescentou. — A fazenda foi tomada. O trabalho duro dos dois foi destruído. Eles nunca se recuperaram.

Na volta, compravam sorvetes de um vendedor de rua;

certa vez, quando Pierrot deixou o seu cair no chão, Papa lhe deu o dele.

Era dessas coisas que Pierrot tentava lembrar quando as coisas estavam complicadas em casa. Poucas semanas após o último passeio, houve uma discussão na sala, quando alguns vizinhos — não os que eram contra Pierrot cantar a *Marselhesa* em alemão — começaram a falar de política. Vozes se alteraram, ressentimentos antigos vieram à tona e, depois que os convidados foram embora, os pais de Pierrot tiveram uma briga terrível.

— Se ao menos você parasse de beber — disse Maman. — O álcool faz você dizer coisas horríveis. Você não entende que ofende as pessoas?

— Eu bebo para esquecer — gritou Papa. — Você não viu as coisas que eu vi. Não sabe as imagens que passam na minha cabeça dia e noite.

— Mas já faz tanto tempo — ela disse, aproximando-se devagar e estendendo a mão para tocar o braço de Papa. — Por favor, Wilhelm, sei como isso machuca você, mas talvez seja justamente porque você evita falar sobre o assunto. Se compartilhasse sua dor comigo...

Émilie nunca terminou a frase, porque, naquele momento, Wilhelm fez uma coisa muito ruim, algo que fizera pela primeira vez alguns meses antes. Ele tinha jurado que nunca repetiria aquilo, mas quebrara a promessa inúmeras vezes desde então. Por mais nervosa que ficasse, a mãe de Pierrot sempre encontrava alguma maneira de justificar o comportamento dele, mesmo quando encontrou o filho chorando no quarto depois de testemunhar uma dessas cenas assustadoras.

— Não é culpa dele — ela disse.

— Mas ele machucou você — respondeu Pierrot, levantando os olhos cheios de lágrimas.

D'Artagnan olhou de um para o outro e então desceu da cama para aninhar o focinho no dono. Ele sempre sabia quando Pierrot estava chateado.

— Seu pai não está bem — disse Émilie, colocando a mão no rosto. — E, quando alguém que amamos não está bem, é nossa função ajudar. Se a pessoa permitir. Senão... — Ela respirou fundo antes de continuar. — Pierrot, o que acha de nos mudarmos?

— Todos nós?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não — ela disse. — Só eu e você.

— E Papa?

Maman suspirou e Pierrot viu lágrimas se formando em seus olhos.

— As coisas não podem continuar como estão — ela disse.

A última vez que Pierrot viu o pai foi em uma tarde quente de maio, quando a cozinha estava outra vez repleta de garrafas vazias e Papa começou a gritar e a bater na própria cabeça, dizendo que eles estavam todos ali dentro, em busca de vingança — o que, para Pierrot, não fazia sentido. Papa abriu o armário e atirou pilhas de pratos, tigelas e xícaras no chão, estilhaçando tudo. Maman abriu os braços para ele, suplicando que se acalmasse, mas Papa a atacou, batendo no rosto dela e gritando palavras tão terríveis que Pierrot cobriu as orelhas e correu com D'Artagnan para o quarto e se escondeu no guarda-roupa. Tremendo, Pierrot

tentou não chorar enquanto o cachorro, que detestava qualquer tipo de briga, se encolhia em seu colo.

Ficaram ali dentro por horas, até tudo se acalmar. Quando saiu, seu pai tinha desaparecido e sua mãe estava deitada no chão, imóvel, o rosto machucado e sangrando. D'Artagnan se aproximou com cuidado, baixando a cabeça e lambendo a orelha dela várias vezes, numa tentativa de acordá-la. Pierrot apenas olhava, sem acreditar. Juntando toda a sua coragem, desceu as escadas correndo e foi ao apartamento de Anshel. Incapaz de pronunciar uma única palavra, ele apontou para as escadas. Madame Bronstein — que devia ter ouvido a confusão, mas talvez tivesse ficado assustada demais para intervir — subiu correndo, dois ou três degraus de cada vez. Enquanto isso, Pierrot olhava para o amigo: um incapaz de falar, outro incapaz de ouvir.

Nada se soube de Papa por várias semanas, e Pierrot ansiava pelo seu retorno, mas também o temia. Então, certa manhã, veio a notícia de que Wilhelm tinha morrido ao cair sob um trem que ia de Munique a Penzberg, cidade onde nascera e passara a infância. Quando ficou sabendo disso, Pierrot foi para o quarto, trancou a porta e, com muita calma, disse para o cachorro, que tirava uma soneca na cama:

— Agora Papa está nos vendo lá de cima, D'Artagnan. Algum dia, vou fazer com que tenha muito orgulho de mim.

Monsieur e Madame Abrahams ofereceram a vaga do marido falecido a Émilie, o que Madame Bronstein considerou de mau gosto. Maman, ciente de que precisava do dinheiro, aceitou com gratidão.

O restaurante ficava no meio do caminho entre a escola e a casa de Pierrot, e ele começou a passar as tardes na salinha do subsolo, onde lia e desenhava enquanto funcionários entravam, saíam, faziam intervalos e papeavam sobre clientes, cobrindo-o de atenção. Madame Abrahams costumava lhe levar o prato do dia e uma tigela de sorvete de sobremesa.

Por três anos, Pierrot passou as tardes sentado naquela sala, enquanto Maman servia as pessoas no andar de cima. Apesar de nunca falar sobre Papa, o menino pensava nele todo dia, imaginando-o ali, vestindo o uniforme de manhã ou contando as gorjetas no fim do expediente.

Anos mais tarde, quando Pierrot pensava sobre a infância, sentia emoções conflitantes. Apesar da tristeza por causa do pai, teve muitos amigos, gostava da escola e vivia bem com Maman. Paris prosperava e as ruas estavam sempre repletas de pessoas e energia.

Porém, em 1936, o dia do aniversário de Émilie, que deveria ter sido alegre, acabou se tornando o prenúncio de uma tragédia. À noite, Madame Bronstein e Anshel subiram para uma visita, levando um pequeno bolo. Pierrot e seu amigo já estavam na segunda fatia quando, inesperadamente, Maman começou a tossir. No começo, o menino achou que um pedaço de bolo tinha descido errado, mas a tosse continuou por muito mais tempo do que o normal e só parou quando Madame Bronstein serviu um copo de água a Émilie. Seus olhos estavam vermelhos e ela apertou a mão contra o peito, como se estivesse com dor.

— Estou bem — Maman disse, conforme sua respiração se normalizava. — Deve ser um resfriado, só isso.

— Mas, querida... — disse Madame Bronstein, o rosto pálido enquanto apontava para o lenço que Émilie segurava. Pierrot olhou e seu queixo caiu quando viu três pequenas manchas de sangue no tecido branco. Maman também olhou por alguns instantes antes de dobrá-lo e guardá-lo no bolso. Então, pousando as mãos com cuidado nos braços da poltrona, ela se levantou, alisou o vestido e tentou sorrir.

— Émilie, você está bem? — perguntou Madame Bronstein, levantando-se. Maman fez que sim.

— Não é nada — ela disse. — Deve ser apenas uma dor de garganta. Mas estou um pouco cansada. Talvez seja melhor ir dormir. Foi muito atenciosa ao trazer o bolo, mas se puderem fazer a gentileza...

— Claro, claro — disse Madame Bronstein, tocando o ombro do filho e seguindo para a porta com a maior pressa que Pierrot já tinha visto. — Se precisar de alguma coisa, bata o pé com força algumas vezes e subirei num piscar de olhos.

Maman não tossiu de novo naquela noite, nem por muito tempo, mas certo dia, quando servia clientes no restaurante, teve uma crise e foi levada para a sala de baixo, onde Pierrot jogava xadrez com um dos garçons. Dessa vez, o rosto dela ficou cinza e suado, e seu lenço não ficou apenas manchado de sangue, mas coberto dele. Quando o dr. Chibaud chegou e a viu, chamou uma ambulância no mesmo instante. Dentro de uma hora, ela estava em um leito do hospital Hôtel-Dieu, com médicos a examinando, as vozes baixas e preocupadas.

Pierrot passou aquela noite no apartamento dos Bronstein, onde dividiu a cama com Anshel, cada um virado para um lado enquanto D'Artagnan roncava no chão. Esta-

va com muito medo, claro, e gostaria de conversar com o amigo sobre o que se passava, mas, por melhor que fosse sua linguagem de sinais, não serviria de nada no escuro.

Ele visitou Maman todos os dias por uma semana. A cada um deles, ela parecia sofrer mais e mais para respirar. Pierrot era a única pessoa ao lado dela naquela tarde de domingo, quando sua respiração desacelerou e seus dedos ficaram frouxos ao redor dos do filho; a cabeça pendeu para um lado do travesseiro, os olhos ainda abertos, e ele soube que ela tinha morrido.

Pierrot ficou imóvel por alguns minutos. Então, puxou a cortina em volta da cama bem devagarzinho e voltou para a cadeira ao lado da mãe, segurando sua mão. Por fim, uma enfermeira idosa se aproximou, viu o que tinha acontecido e disse que precisava levar Émilie a outro lugar, onde seu corpo seria preparado. Pierrot caiu em um choro que pareceu sem fim e abraçou o corpo da mãe enquanto a enfermeira tentava consolá-lo. Foi preciso muito tempo até ele se acalmar. Seu corpo inteiro parecia estilhaçado por dentro. O menino nunca tinha se sentido tão triste.

— Quero que ela fique com isso — ele disse, pegando uma fotografia do pai no bolso e colocando ao lado dela, na cama.

A enfermeira assentiu com a cabeça e prometeu que faria de tudo para garantir aquilo.

— Você tem algum familiar para quem eu possa ligar? — ela perguntou.

— Não — disse Pierrot, sacudindo a cabeça sem olhá-la nos olhos, porque não conseguiria suportar a pena ou o desinteresse. — Não há ninguém. Sou só eu. Agora estou sozinho.